

BULLYING ESCOLAR: práticas de agressão, assédio e intimidação na interface educação, direitos humanos e saúde pública

MICHEL DOS SANTOS REIS¹
Universidade Pitágoras - UNOPAR

DULCINÉIA DA SILVA ADORNI²
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

RESUMO

O objetivo deste estudo foi abordar o fenômeno do *bullying* escolar como um problema na interface com a saúde pública e os direitos humanos, destacando sua prevalência global e suas graves consequências para vítimas, agressores e espectadores. Utilizando uma abordagem quantiquantitativa, a pesquisa utilizou um questionário como dispositivo para a coleta de informações. Foram entrevistados 23 estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental. A partir de uma analogia com os “três macacos da sabedoria”, ilustra como essa prática muitas vezes é ignorada, minimizada ou silenciada, o que contribui para sua perpetuação. Apesar da complexidade do tema, ainda há falta de conhecimento e estratégias pedagógicas para lidar com o problema. O *bullying* é definido como exposição sistemática a atos agressivos, ocorrendo em diversos ambientes escolares. Vítimas podem ser típicas, provocadoras ou agressoras, enquanto agressores exercem liderança por meio de violência física ou psicológica. Espectadores, muitas vezes por medo, não intervêm, agravando a situação. As consequências do *bullying* são severas, incluindo traumas físicos, psicológicos e até mesmo suicídio. O estudo revelou que quase metade dos estudantes entrevistados afirmam terem sido vítimas dessa prática recorrente, que se manifesta nas várias dependências da escola e no percurso casa/escola e vice-versa. Diante desses resultados, urge uma abordagem colaborativa e educativa para combater o *bullying*. É necessário promover uma cultura de paz, respeito e empatia no ambiente escolar, priorizando estratégias preventivas, visando garantir um lugar seguro e acolhedor para todos.

6029

Palavras-chave: *Bullying* escolar. Direitos Humanos. Saúde Pública.

ABSTRACT

The objective of this article is to address the phenomenon of school bullying as a problem at the interface with public health and human rights, highlighting its global prevalence and serious consequences for victims, aggressors, and bystanders. Using a quantiquantitative approach, the study employed a questionnaire as research instrument to interview 23 students from the 6th grade of Elementary School. It begins with an analogy to the “three wise monkeys”, illustrating how this practice is often ignored, minimized, or silenced, contributing to its perpetuation. Despite the complexity of the issue, there is a lack of knowledge and pedagogical strategies to deal with the problem. Bullying is defined as systematic exposure to aggressive acts, occurring in various school environments. Victims can be typical, provocative, or aggressive, while aggressors exercise leadership through physical or psychological violence. Bystanders, often out of fear, do not intervene, exacerbating the situation. The consequences of bullying are severe, including physical, psychological, and even suicidal trauma. The research that almost half of the interviewed students claim to have been victims of this practice which is recurrent and occurs in various school premises and on the Journey to and from school. Faced with these results, a collaborative and educational approach is urgently needed to combat bullying. It is

necessary to promote a culture of peace, respect, and empathy in the school environment, prioritizing preventive strategies over punitive ones, aiming to ensure a safe and welcoming place for everyone.

Keywords: School bullying. Human rights. Public health.

Introdução

O *bullying* escolar vem se tornando um problema recorrente em nossas instituições de ensino, principalmente pela falta de informação e pela banalização da prática. Se tomarmos como alegoria a figura dos “três macacos da sabedoria”, podemos dizer que diante da situação de violência enfrentada pelas/nas escolas, tanto a sociedade quanto a família e a equipe escolar, em muitos casos, **fecham os olhos** para as diferentes formas de agressão que se manifestam no cotidiano educacional, banalizando-as como formas de brincadeira. Da mesma forma, **tapam os ouvidos** para não escutarem os apelos, por vezes desesperados, das vítimas. São ensurdecidos pela falta de conhecimento sobre o tema e pela falta de instrumentação didático-pedagógica para lidar com a situação. Muitas vezes, também, **calam-se** (tapam a boca), silenciando-se diante dessas situações, não buscando (ou não sabendo onde buscar) alternativas para o seu enfrentamento e não as denunciando.

6030

Figura 1: Três Macacos da Sabedoria



Fonte: Wikimedia

Embora as pesquisas sobre *bullying* não sejam recentes, ainda há muito desconhecimento e dificuldade para definir e caracterizar a prática. A trajetória histórica destas pesquisas inclui marcos significativos, como os estudos pioneiros de Dan Olweus na Suécia em 1973, seguidos por revisões e republicações nos Estados Unidos. O Brasil entrou nesse

panorama em 1997, com pesquisas emergindo sobre o *bullying* escolar e programas como o da ABRAPIA e o Educar para a Paz em São José do Rio Preto, conforme mostra o resumo da trajetória histórica:

Suécia, 1973 – Dan Olweus publica os resultados dos seus estudos, cujo livro foi intitulado *Agression in the Schools: Bullies and Whipping Boys* (Agressão nas Escolas: *Bullies* e bodes expiatórios);

Estados Unidos, 1978 – Dan Olweus reedita o livro *Agression in the Schools: Bullies and Whipping Boys*;

Noruega, 1990 – O parlamento aprova leis *anti-bullying*;

Inglaterra, 1991 – vários projetos são desenvolvidos: “Não sofra em silêncio”; “De espectadores a solidários”; “A função do apoio por parte dos companheiros contra a intimidação na escola”. Esses programas desenvolveram habilidades como respeito, elevação da autoestima, liderança;

Holanda, 1992 – Escolas desenvolvem estudos, após os quais a organização nacional de pais realiza uma campanha, visando garantir a segurança dos filhos na escola;

Irlanda, 1993 – O programa Educativo da companhia de Teatro *Sticks and Stones* usa o teatro para ajudar na conscientização sobre o fenômeno. Dan Olweus publica o livro *Bullying at School (Bullying na escola)*;

Brasil, 1997 – Surgem pesquisas sobre *bullying* escolar;

Brasil, 2002 – No Rio de Janeiro, a ABRAPIA (Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência), patrocinada pela Petrobrás, aplica o programa de Redução do Comportamento Agressivo entre os estudantes;

Brasil, 2002 – Em São José do Rio Preto, SP, a Rede pública de Ensino Implanta o Programa Educar para a Paz, pioneiro no Brasil, elaborado pela Educadora e Pesquisadora Cleo Fante;

A partir daí, tendo como pioneira brasileira a professora Cleo Fante, teve início uma série de palestras, seminários, congressos, publicações e leis tratando do assunto *bullying* e, depois, do *cyberbullying*.

Brasil, 2010 – A ONG PLAN realiza pesquisas sobre *bullying* escolar no Brasil, obtendo resultados importantes para o direcionamento de ações em projetos *antibullying*. (Santana, 2013, p. 26-27).

Pelo exposto observamos que este fenômeno é uma problemática que se manifesta em diversos países. No Brasil sua recorrência provocou a promulgação de uma lei específica na tentativa de combatê-lo. Em 2015 foi sancionada pela então Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, a Lei n. 13.185, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional, que entrou em vigor em 2016. Em seu § 1º define *bullying*:

No contexto e para fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. (Brasil, 2015).

Em nosso país também foi instituído, em 2016, o dia 07 de abril como Dia Nacional de Combate ao *Bullying* e à Violência nas Escolas, por meio da Lei n. 13.277. A data está relacionada à tragédia que ocorreu no Rio de Janeiro, em 2011, quando um jovem invadiu uma escola municipal e matou 11 crianças.

Segundo Silva (2015, p.20), “o *bullying* tornou-se um problema endêmico nas escolas de todo o mundo”. Nesta mesma perspectiva, Santana (2013) afirma que o *bullying* escolar é um fenômeno que não tem fronteiras geográficas, social ou econômica e que surgiu com a própria escola, podendo ocorrer tanto dentro como fora da instituição escolar.

A abordagem do fenômeno *bullying* ultrapassa os limites educacionais, pois sua prática também é uma questão de direitos humanos e saúde pública.

Como ressaltam Bertoni, Adorni e Fernandes (2013, p.219), a educação e o ensino desempenham um papel fundamental para o desenvolvimento do ser humano, caracterizado como “humanização”, que implica não apenas adquirir e desenvolver conhecimentos, experiências, habilidades e aptidões, mas principalmente em saber aplicá-los “de forma saudável e consciente ao protagonizar e escrever a própria história”. É necessário tornar-se capaz de fazer escolhas que contribuam para o seu desenvolvimento enquanto “ser humano melhor”, aquele que é capaz de fazer escolhas que tragam consequências saudáveis para si próprio e para o/a(s) outro/a(s). Em outras palavras, contribuam para o seu processo de humanização.

Nesta perspectiva, o *bullying* está também na interface com a saúde pública e direitos humanos, pois a sua prática provoca vários impactos para todos os personagens envolvidos, afetando sua saúde física, psíquica e mental, sobretudo no que tange a medidas de prevenção, assegurando aos estudantes a possibilidade de pleno desenvolvimento, “habilitando-os a uma convivência social e segura” (Alves, 2019, p. 2919). O termo *bullying* foi incluído na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015 (IBGE, 2016), dado o crescimento e a preocupação com o fenômeno. É importante considerar que o fenômeno ora descrito traz problemas a todos e as propostas de ações preventivas podem suscitar impacto na qualidade da saúde física e mental, bem como uma melhor qualidade de vida aos envolvidos, a qual irá reverberar em benefícios para a vida em sociedade.

A partir de considerações desta natureza, o presente estudo foi desenvolvido como parte das atividades do curso de extensão “*Bullying* nas escolas: ações educativas, preventivas e remediativas”, ofertado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus* de Itapetinga. Foi realizada uma pesquisa quali-quantitativa (Souza; Kerbauy, 2017), utilizando como dispositivo para coleta de informações um questionário composto por 14 questões que buscaram identificar se os estudantes sofreram algum tipo de intimidação, agressão ou assédio relacionado ao ambiente escolar. Neste artigo são apresentados os resultados de 08 destas

questões. Foram colaboradores 23 alunos de uma turma de 6º ano de uma instituição escolar municipal de Itapetinga-BA.

O que é bullying escolar? Quais são seus personagens e suas consequências?

Bullying é um termo pouco conhecido, de difícil definição, não possui tradução para o Português e é utilizado para caracterizar comportamentos violentos nos diversos ambientes, incluindo o escolar. Estudos desenvolvidos nas últimas décadas distinguem-no da “violência comum”, como na definição de Lisboa, Braga e Ebert (2009, p.60):

Bullying é, portanto, o fenômeno pelo qual uma criança ou um adolescente é sistematicamente exposto/a a um conjunto de atos agressivos (diretos ou indiretos), que ocorrem sem motivação aparente, mas de forma intencional, protagonizados por um/a ou mais agressor(es).

Observe que assim como na definição feita pela Lei 13.185 (Brasil, 2015), são destacados a prática sistemática, a falta de motivação aparente e a intencionalidade dos atos agressivos.

Nas escolas, a prática de *bullying* ocorre nos diversos ambientes: sanitários, corredores, pátio, salas de aula e no caminho casa-escola e/ou vice-versa (SANTANA, 2013). Neste sentido, o cuidado e a prevenção quanto a ele são responsabilidades de toda a equipe escolar, da família e da sociedade de modo geral, pois são personagens deste fenômeno de violência escolar tanto o agressor quanto a vítima e os espectadores.

Silva (2015) define três **tipos de vítimas**: a **típica**, que é aquele aluno com poucas habilidades de socialização, sendo tímido ou reservado; a **provocadora**, que é aquela capaz de provocar reações agressivas contra si mesma; a **agressora**, que é a que reproduz em uma vítima mais frágil e vulnerável que ela, as agressões sofridas. O **agressor**, por sua vez, pode ser de ambos os sexos, possuindo traços de desrespeito e maldade em sua personalidade, exercendo um perigoso papel de liderança junto a seus pares, obtido por meio da força física ou do assédio psicológico. Segundo a autora, o agressor pode agir de forma isolada ou em grupo, acompanhado de seus “seguidores”; é propenso a se sentir deprimido e tem aversão às normas, não aceitando ser contrariado ou frustrado. Geralmente, “estão envolvidos em pequenos delitos” (Silva, 2015, p.43).

Quanto aos espectadores, outro tipo de personagens que fazem parte dessa trama de violência escolar, são definidos como aquelas pessoas que:

[...] são assim chamados por apenas assistirem à prática da violência e não se manifestarem, que seja para interferir na defesa da vítima ou para denunciar o feito. Simplesmente se mantém inertes. Esse posicionamento, normalmente, é adotado por medo de serem a próxima vítima. (Leão, 2010, p. 125).

Eles também podem pertencer a três grupos distintos: **espectadores passivos**, que são aqueles que assumem uma postura inerte diante das práticas de violência, provavelmente por temerem tornar-se a próxima vítima, muitas vezes recebendo ameaças explícitas ou veladas; **espectadores ativos**, são aqueles que, embora não participem ativamente da prática de violência, manifestam apoio aos agressores com palavras de incentivo e risadas; **espectadores neutros**, que são aqueles que “não demonstram sensibilidade” pelas situações presenciadas. (Silva, 2015, p.46).

As consequências provocadas pelo *bullying* escolar, para todos os personagens envolvidos, são severas e de diferentes naturezas:

As consequências desta prática que compreendem agressões físicas e verbais, assédios e todo tipo de ações desrespeitosas ao ser humano, são trágicas. A mídia não se cansa de noticiar casos de *bullying* que terminam em traumas físicos, psicológicos e sociais ou, nos casos mais contundentes, chegam à morte. (Bertoni; Adorni; Fernandes, 2013, p.217).

Muitas vítimas passam a ter dificuldades de concentração, baixo rendimento escolar, raiva, irritabilidade, medo de frequentar algumas áreas da escola, desejo de isolamento etc. Além disso, algumas delas permanecem com dificuldades de relacionamento e interação social mesmo após os anos escolares. Quanto aos agressores, “têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos antissociais e violentos [...] podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinquentes e/ou criminosas”. Os espectadores também sofrem consequências, podendo se sentirem incomodados com a situação e inseguros quanto às atitudes a serem tomadas, influenciando em seu rendimento escolar e convívio social (Botelho; Souza, 2007).

O combate ao *bullying* escolar não pode ser colocado como responsabilidade apenas de um único segmento: escola, família ou sociedade. É um fenômeno que requer ação conjunta. Dadas as sérias consequências que acarreta a todos os envolvidos sua abordagem e enfrentamento ultrapassa o âmbito escolar e se caracteriza como uma questão de direitos humanos e saúde pública. Segundo Santana (2013, p.39), as estratégias *antibullying* escolar devem ser adotadas desde a Educação Infantil, contribuindo para “o desenvolvimento de habilidades que impliquem boa convivência e boa forma de estar com o outro”. É importante que as ações contra o *bullying* sejam preventivas e educativas ao invés de remediativas e punitivas. É preciso, antes de tudo, buscar meios para a (re)construção e manutenção dos valores indispensáveis a existência humana, social, física e psíquica.

Práticas de Intimidação, agressão ou assédio na instituição escolar: a voz dos estudantes

As informações coletadas possibilitaram identificar que quase 43,48% dos estudantes entrevistados afirmaram já haver sofrido algum tipo de intimidação, agressão ou assédio. É um dado bastante perturbador considerar que quase 50% dessas crianças já sofreram ou sofrem *bullying* escolar. Além disso, como é difícil definir essas práticas, muitos podem responder negativamente por desconhecimento ou por confundirem-nas com “brincadeiras de mau gosto”.

Quando perguntados sobre a idade em que essas práticas intimidadoras e/ou agressivas ocorreram, 31% afirmaram ter sido entre 5 e 12 anos de idade, que é justamente o período de ingresso na escolarização, 17% entre 11 e 14 anos e 4% com menos de 5 anos. O percentual restante não respondeu, provavelmente pela afirmação anterior de não terem sido expostos à essas práticas.

Como destacado por Santana (2013), as crianças, muito cedo, estão sendo expostas a situações de violência e, por vezes, reproduzem os comportamentos violentos na escola, com seus colegas. Esse dado corrobora com a necessidade de trabalhar com práticas *antibullying* desde o início da escolarização.

Quando perguntados sobre a última vez que sofreram essas práticas de violência, as informações são ainda mais desalentadoras: embora a maioria (26%) dos estudantes refiram que as sofreram há um ano ou mais, 22% afirmam que ocorreu nos últimos 6 meses, 17% nos últimos 30 dias, e 4% no dia da coleta de dados. O percentual restante não respondeu. Somando esses percentuais temos um total de 43% de estudantes que afirma ter sofrido *bullying* escolar no ano letivo em andamento. Como afirma Silva (2015), este fenômeno chamado *bullying* está cada vez mais comum e presente no cotidiano escolar. Neste caso, a equipe escolar pode estar vivenciando o papel de espectadores desta prática.

Outra informação correlacionada que nos chama atenção é quanto ao percentual de crianças que admitiram terem sido alvo de violência escolar diversas vezes neste período: 35% admitiram terem sofrido intimidação, agressão ou assédio pelo menos uma vez; 22% afirmaram que essas ações ocorreram diversas vezes; 8% várias vezes ao dia; e 35% não responderam. Pelo exposto, as ações de *bullying* parecem ser constantes e recorrentes no ambiente escolar. Onde estão e o que estão fazendo os espectadores desta trama escolar de violência e dor? É uma pergunta para a qual dificilmente encontramos respostas e que se torna ainda mais pungente quando buscamos identificar onde ela ocorre.

A maioria dos estudantes (35%) refere que essas ações aconteceram nos vários ambientes da escola; 22% na sala de aula; 4% no pátio e 4% no caminho indo ou vindo da

escola. Considerando as informações obtidas com a primeira pergunta, observamos uma contradição nesta e nas demais respostas. Embora 56,52% tenham respondido que nunca sofreram nenhum tipo de intimidação, agressão ou assédio, apenas 35% dos estudantes deixaram de responder esta e as demais perguntas, indicando que o percentual de crianças que foram sujeitas à prática de *bullying* escolar é maior que o indicado na primeira questão.

Com relação aos estudantes que afirmaram que as ações agressivas e intimidatórias ocorreram na sala de aula, fica a pergunta sobre onde estava o professor nestes momentos. Que tipo de espectador seria ele? Considere que em outros ambientes da escola, embora não seja provável, o estudante pode estar sozinho com o agressor, mas na sala de aula não. Voltando a ilustração metafórica utilizada na introdução deste trabalho, podemos levantar algumas hipóteses: a prática de *bullying* muitas vezes é invisível, silenciosa e não verbalizada ou, ainda, é banalizada, podendo ser identificada pelo professor como “brincadeiras de mau gosto”.

A outra questão abordada foi sobre como se sentiram quando as ações aconteceram. Para 31% dos estudantes as práticas agressivas não incomodaram, 26% referem terem se sentido mal, 9% ficaram assustados, 4% com medo e 30% não responderam. O fato de um percentual significativo afirmar não ter ficado incomodado indica que muitas vezes a agressão é encarada como normalidade, o que é extremamente preocupante, pois reflete nas ações educativas que estão sendo desenvolvidas com vistas a formação de seres humanos e suas habilidades para viver em sociedade. Como Bertoni, Adorni e Fernandes (2013) destacaram, as consequências do *bullying* são trágicas, provocando adoecimento físico e psíquico e podendo chegar à morte.

Contrariando esta afirmação, 35% dos estudantes colaboradores desta pesquisa relataram que a prática de *bullying* não teve consequências. No entanto, para 22% deles houve algumas consequências ruins, para 9% as consequências foram terríveis e para 4% as consequências os fizeram mudar de escola. Nesta questão tivemos um percentual de 30% de abstinência. Mesmo quando as ações de agressão, intimidação e assédio são silenciosas e invisíveis, elas têm consequências dolorosas e, por vezes, trágicas.

Quando perguntados sobre de quem é a culpa se a intimidação, agressão ou assédio continuam acontecendo no ambiente escolar, a maioria dos estudantes (43%) considerou que é do agressor, porém um percentual significativo (26%) afirmou que a culpa é de quem assiste a prática e não toma nenhuma atitude. Outros 13% responderam que a culpa é dos pais do agressor. Para um grupo de estudantes (9%) a culpa é de quem é agredido/a e 9% não responderam. Em contrapartida, nenhum estudante atribuiu a culpa ao professor ou à direção da escola, isentando a equipe escolar de responsabilidades.

Atribuir a culpa ao próprio agressor indica uma compreensão básica e saudável de responsabilidade pessoal. Da mesma forma, considerar que quem assiste à prática e não toma atitude também é culpado, sugere uma conscientização sobre o papel dos espectadores em interromper o comportamento agressivo por meio da intervenção ou relato às autoridades competentes. Outro fator importante é a percepção da influência do ambiente familiar no comportamento do agressor. Atribuir a culpa à vítima, por sua vez, indica uma falta de compreensão sobre a dinâmica de poder e responsabilidade no contexto de agressão e intimidação. Na mesma perspectiva, embora seja notável que nenhum estudante tenha atribuído responsabilidade aos professores ou à direção escolar, isso pode refletir uma falta de consciência sobre o papel que esses personagens têm na prevenção e resolução de casos de intimidação, agressão ou assédio escolar e no uso de estratégias para promover uma cultura de paz e respeito.

Em síntese, esses resultados indicam compreensão quanto a responsabilidade pessoal dos agressores e espectadores, mas também sugerem a necessidade de educar as crianças e adolescente sobre o papel da família, da instituição escolar, a dinâmica de poder nas situações de agressão e intimidação e o papel da sociedade na prevenção e combate ao *bullying* escolar, bem como a todas as outras formas em que esse fenômeno de violência se manifesta.

6037

Considerações Finais

Esta pesquisa destacou a complexidade e a gravidade do *bullying* escolar, evidenciando a urgência de abordá-lo de maneira efetiva e colaborativa. Ficou claro que não se trata apenas um problema local, mas sim de uma questão global que afeta profundamente não apenas as pessoas diretamente envolvidas, mas também toda a sociedade.

Ao utilizar a metáfora dos “três macacos da sabedoria”, ilustramos como a sociedade, a família e a equipe escolar muitas vezes fecham os olhos, tapam os ouvidos e se calam diante do práticas de agressão, intimidação e assédio. Essa omissão contribui para a perpetuação e banalização do problema, refletindo na falta de conhecimento e de instrumentação didático-pedagógica para lidar com a situação, inclusive na dificuldade em reconhecer e caracterizar a prática.

É fundamental compreender que o *bullying* escolar não se resume a comportamentos inadequados entre crianças e adolescentes, mas sim a uma questão que demanda uma abordagem multidisciplinar, envolvendo educação, direitos humanos e saúde pública. Suas consequências são devastadoras, afetando não apenas as vítimas, mas também os agressores e

espectadores, provocando o adoecimento físico e psicológico, podendo levar até mesmo a casos extremos de suicídio.

As informações coletadas neste estudo revelaram a prevalência e a recorrência do *bullying* escolar, com quase metade dos estudantes entrevistados relatando ter sido vítimas dele. Práticas de intimidação, agressão e assédio são comuns em diversos ambientes da escola, provavelmente muitas vezes ocorrendo mesmo na presença de professores e outros membros da equipe escolar. É alarmante observar que muitos estudantes não reconhecem ou então minimizam as consequências do *bullying*, aceitando-o como parte natural do ambiente escolar. Isso ressalta a urgência de implementar estratégias educativas preventivas desde a Educação Infantil, visando promover uma cultura de respeito, empatia e convivência saudável desde a mais tenra idade.

Por fim, é imperativo conscientizar que o *bullying* transcende a esfera exclusiva dos estudantes ou da instituição escolar. Todos devem compreender que essa prática traz malefícios à sociedade contemporânea e potenciais desdobramentos negativos no futuro. Ignorar tais comportamentos, relegando sua responsabilidade exclusivamente aos professores ou considerando-os meramente como “questões de infância e/ou de adolescência”, equivale a desconsiderar as vítimas diretas e perpetuar a ocorrência dessas práticas com maior frequência. Tal postura também contribui para a perenidade de uma cultura de agressão, negligenciando as consequências impostas aos envolvidos nessa trama de agressão, assédio e intimidação, incluindo a própria sociedade.

Diante dessas constatações, é fundamental que o combate ao *bullying* escolar seja encarado como uma responsabilidade coletiva. Ações educativas e preventivas devem ser priorizadas em detrimento de abordagens punitivas, buscando o desenvolvimento de valores humanos essenciais para uma convivência pacífica e saudável; valores como respeito, empatia, tolerância, solidariedade, justiça e comunicação eficaz.

Nesta perspectiva, é necessário que sejam intensificados os esforços no enfrentamento do *bullying*, visando não apenas à segurança e ao bem-estar dos estudantes, mas também à promoção de uma cultura de paz e respeito nas instituições de ensino, o que reverberará positivamente na sociedade como um todo. Somente assim será possível garantir um ambiente escolar seguro e acolhedor para todos.

Referências

ALVES, Cinthia F. *Bullying: gestão escolar e saúde pública, uma revisão da literatura*. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v.06, n.03, p.2919-33, 2015.

BERTONI, Luci Mara; ADORNI, Dulcinéia da Silva; FERNANDES, Angela Vianna. *Prevenção às drogas e ao bullying nas escolas: uma questão de direitos humanos e educação*. In: BERTONI, L.M.; MORORÓ, L.P.; SANT'ANNA, C.C. **Desafios Epistemológicos das Ciências na Atualidade**. Bauru: Canal 6 Editora, p.217-230, 2013.

BOTELHO, Rafael G.; SOUZA, José Maurício C. de. *Bullying e Educação Física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção*. **Revista de Educação Física**, 2007. Disponível em: www.BoletimEF.org_Bullying-e-Educacao-Fisica-na-escola.pdf. Acesso em: 10/04/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério das Mulheres Igualdade Racial, e dos Direitos Humanos. **Lei N° 13.185** de 06 de novembro de 2015. MEC.MMIRDH, 2015. Disponível: [Base Legislação da Presidência da República - Lei nº 13.185 de 06 de novembro de 2015 \(presidencia.gov.br\)](http://BaseLegislacao.da.Presidencia.da.Republica-Lei.n.13.185.de.06.de.novembro.de.2015(presidencia.gov.br)). Acesso em: 10/04/2024.

IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**: 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

LEÃO, Letícia Gabriela R. *O fenômeno bullying no ambiente escolar*. Faculdade Cinecista de Vila Velha. Vila Velha, 2010. Disponível em: https://www.yumpu.com/pt/document/read/12813570/o-fenomeno-bullying-no-ambiente-escolar-facevv#google_vignette. Acesso em: 10/04/2024.

LISBOA, Carolina; BRAGA, Luíza de L.; EBERT, Guilherme. *O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições formas de manifestação e possibilidades de intervenção*. Periódicos Eletrônicos em Psicologia. São Leopoldo, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822009000100007&script=sci_arttext. Acesso em: 10/04/2024.

LOPES NETO, Aramis A. *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. **Jornal de Pediatria**, 81(5), 164-172, 2005.

SANTANA, Edésio. **Bullying e Cyberbullying: agressões dentro e fora das escolas**. Teoria e prática que educadores e pais devem conhecer. São Paulo: Paulus, 2013.
SIGMA, Seis. *Três macacos da Sabedoria*. Repositório Wikimedia Commons. 2008. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Threewisemonkey.gif>. Acesso em: 11/04/2024.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

SOUZA, Kellcia R.; KERBAUY, Maria Teresa M. *Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação*. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v.31, n.6, p. 21-44, jan/abr. 2017.

Autor 1:



Michel dos Santos Reis

Graduando do Curso de Licenciatura em História na Universidade Pitágoras – UNOPAR Anhanguera. Egresso do curso de extensão “Bullying nas escolas: ações educativas preventivas e remediativas” (UESB/Itapetinga).

Email: michelsreis@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6244557644602168>

Autor 2:



Dulcinéia da Silva Adorni

Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *Campus* Itapetinga.

Email: dsadorni@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0761899023114399>

Orcid: 0009-0007-1670-6509